

Apresentação Realismo: modos de usar

Tânia Pellegrini¹

Não têm sido poucas as análises e interpretações que apontam o caráter visivelmente realista de grande parte da ficção brasileira contemporânea, ancorados nas mais diversas correntes teóricas. Com efeito, a representação da realidade, ou seja, a *intenção realista*, é uma tradição da literatura ocidental desde suas origens, bem antes que se desenvolvesse na França, depois dos acontecimentos de 1830 e 1848, o que se chama de reação ao Romantismo, vale dizer, o Realismo com maiúscula, como “escola” ou “movimento”, de lastro francamente positivista. Ingressando em terras brasileiras, como “escola”, pelas páginas de Eça de Queirós, no final do mesmo século, o Realismo nunca escondeu, todavia, condições de possibilidade legitimamente nacionais, na disposição ainda romântica de fixar a paisagem, os tipos e costumes do país desde os primeiros romances que se deram a ler aos poucos letrados da colônia. Como já esclareceu Antonio Candido (2007, p. 28), isso se deve à intrínseca relação entre aspectos literários e históricos, entre a constituição de uma nação brasileira e de um sistema literário, caracterizando então o caráter *interessado* das manifestações literárias. As intenções realistas, mescladas a esse caráter interessado, em sua maioria sempre foram – e ainda são – miméticas e documentais, revelando-se como possibilidade não apenas de representação estética, mas também de intervenção ética e política no mundo real.

Todavia, tais intenções e interesses – característicos também de outros Estados em formação ou transformação – há longo tempo suscitam inúmeras indagações. A primeira delas é “o que se entende por realidade”? Outra, de tão complexas respostas como a primeira: “é possível elaborar uma representação exata, objetiva e total da realidade”? Essas duas questões de fundo têm levantado uma série enorme de respostas tangenciando os campos filosófico, sociológico e antropológico, que se cruzam num emaranhado de tentativas de solução para um dos mais fascinantes problemas das artes e da literatura, graças à persistente capacidade que possui o chamado Realismo de transmutar-se, travestir-se, transformar-se, com uma inquietante vitalidade.

Nesse sentido, a proposta deste dossiê é trazer, para o centro das

¹ Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura, docente do Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, Brasil. E-mail: tpelleg@uol.com.br

discussões, diferentes conceitos de realismo, subjacentes ou não, que os textos aqui apresentados ilustram, de alguma maneira. Sabe-se que o termo não aglutina apenas um conjunto de ideias, mas também certas convenções artísticas extremamente adequadas às formas narrativas, principalmente ao romance, desde seu surgimento até o século XIX, o “século de ouro” do romance ocidental. E que os mesmos traços positivos a ele atribuídos, sobretudo no período de sua sistematização enquanto movimento, seriam, mais tarde, motivo de seu repúdio. É importante frisar, entretanto, que tal polaridade, a partir dos conhecidos debates entre Georg Lukács e os defensores das vanguardas, expressa, contraditoriamente, uma concordância subjacente a respeito de que as representações artísticas, então correspondentes às complexidades da realidade moderna, só poderiam ser alcançadas por meio de “métodos artísticos realistas” (Zuzi, 2004, p. 3). Assim, o que se propõe aqui são, na verdade, tentativas de capturar criticamente, nos textos apresentados, uma concepção concreta na aparência, a qual, todavia, parece deixar escorrer entre os dedos sua essência volátil, quanto mais dela nos aproximamos. Em vista da própria volatilidade do objeto e do fascínio que ele inegavelmente desperta, é conveniente apontar aqui meu interesse particular, uma vez que tenho me empenhado nisso em projetos ligados à Fapesp e ao CNPq², desde 2006. Por meio da adoção de um “conceito operacional” de Realismo, digamos, tenho tentado conseguir pelo menos entrever por que e como o chamado realismo – que não é apenas um conjunto de convenções estilísticas, mas um impulso que se inicia com o próprio ato de narrar – tem se mantido ativo e forte, com nuances e gradações, apesar da forte rejeição crítica, nas mais diferentes situações históricas, até reassumir uma posição de destaque na ficção brasileira contemporânea.

O realismo a que me refiro parece operar *esteticamente*, ao longo da história, uma *refração da realidade* e não uma “cópia”, uma “imitação” ou mesmo “interpretação”, no sentido aristotélico, o que permite entender sua continuidade como corolário da persistência do mesmo “mundo hostil” que lhe deu origem, para retomar o termo de Adorno (1980, p. 270), um de seus oponentes, avesso a qualquer positivismo. Esse retorno do real, que considero cíclico, baseia-se em uma *postura geral* (envolvendo ideologias, mentalidades, sentido histórico etc.) e um *método específico* (personagens, objetos, ações e situações sempre descritos de modo “real”, isto é, de “acordo com uma realidade”). O método descritivo, hoje, devido às suas múltiplas modificações e adaptações, relacionadas inclusive às diferentes

² Uma exposição mais detalhada desses argumentos encontra-se em dois artigos já publicados. Ver Pellegrini (2007; 2010).

concepções de real e ao desenvolvimento das novas tecnologias de representação audiovisuais — que incidem sobre elas, o que complica a questão — permite vislumbrar uma possibilidade produtiva de entender o conceito como *uma forma particular de captar a relação entre os indivíduos e a sociedade*, que ultrapassa a noção de um simples processo de registro (Williams, 2001). A adoção desse ponto de vista, que entende essa *forma particular* como possibilidade expressiva abrangente, equivalente à *representação*, permite uma visão cognitiva e trans-histórica do conceito, tornando-o um princípio ativo e dinâmico, apto a acompanhar todas as transformações e todo tipo de texto, não se limitando a referendar uma gramática textual nos moldes de Barthes, por exemplo, seu mais implacável contestador (Barthes, 1984).

Sob esse enfoque, pode-se afirmar que as formas narrativas contemporâneas do Brasil, tanto as verbais quanto as visuais, ainda levantam de forma aguda o problema, que não se esgota na propalada “crise da representação”, registrada pelos diferentes modernismos das primeiras décadas do século XX; estou inclinada a pensar que talvez ele aponte para uma “crise da crise da representação”, que necessita uma análise vinculada às condições sócio-históricas nacionais, necessidade esta de modos diversos atualizada nos textos deste dossiê.

Fragmentação e estilização, colagem e montagem, elipses e elisões, heranças modernistas, *grosso modo* tidas como resultado da famosa crise e elevadas à categoria de valor literário quase absoluto, convivem hoje com outras técnicas de representação, muitas delas bastante antigas, como se verá, num conjunto a que se poderia denominar *realismo refratado*, compondo uma nova totalidade, como reorganização heteróclita, assim traduzindo as condições específicas da sociedade brasileira contemporânea: caos urbano, desigualdade social, violência, corrupção política, combinados com a sofisticação tecnológica das comunicações e da indústria cultural, um amálgama contraditório de elementos integrado na chamada globalização econômica, em que os mercados dão a pauta das ideias, temas e estilos. Esse novo realismo, então, parece apresentar-se como uma convenção literária de muitas faces, daí a proposta de entendê-lo como *refração*, metaforicamente “decomposição de formas e cores”, clara tanto nos temas como na estruturação das instâncias narrativas e no tratamento dos meios expressivos. Estamos, então, diante da *representação necessária* de uma realidade de fato nova na superfície iridescente dos artefatos tecnológicos, na velocidade e simultaneidade das comunicações, na aguda sensação de tempos e espaços vertiginosamente fluidos, mas em que o confronto das desigualdades econômicas e sociais, em nível nacional e global, guarda ciosamente a hostilidade do mundo

antigo. O realismo, assim, sempre acompanhado de muitos adjetivos, cada um deles significando “uma forma e uma cor”, volta *refratado*, como um modo de *presentificar* — *fazer presentes* — as relações de hoje entre o social e o pessoal, tanto ética quanto esteticamente, vale dizer, de modo *interessado*; volta como sintoma e diagnóstico de um estado de coisas de alguma forma muito parecido ao do momento em que ele eclodiu sistematicamente organizado como necessidade histórica insopitável. Não quero dizer que o realismo de hoje tem necessariamente um caráter de resistência ou de crítica; mas também não quero dizer absolutamente o contrário. Nas suas múltiplas refrações, pode simplesmente fazer coro a música estridente do mercado e do sofrimento humano ou fechar os ouvidos a eles. Como se pode perceber, portanto, apesar de ser um conceito dificilmente apreensível em toda sua profundidade, permanece, em qualquer acepção que se tome, uma inegável e estreita relação com o contexto, que vai além das infundáveis discussões a respeito das possibilidades efetivas de a arte e a literatura, com suas gramáticas específicas, substituírem o real na sua concretude material ou simbólica.

De acordo com esses parâmetros, os textos aqui apresentados formam um conjunto plural de interpretações a respeito de soluções ficcionais que, mais uma vez, atualizam historicamente diferentes modos de percepção e de representação da realidade, ou seja, trabalham com *refrações* realistas. Os três primeiros analisam formas expressivas que procuram trabalhar coladas à realidade concreta, em tom mais documental, muito próximo das intenções do primeiro realismo, ou “realismo clássico”, aquele que, segundo Auerbach (1976), eleva à dignidade da “representação séria” os setores sociais até então quase excluídos dela. Já os três seguintes analisam narrativas que consideram representáveis os meandros da subjetividade e da memória, evidenciando a ideia só na aparência antirrealista, pois qualquer coisa que ocorra no exterior também ocorre como retalho interior. O último texto, colocado propositalmente como conclusão, executa um mergulho teórico de fôlego, procurando com esforço dar conta de toda a complexidade inerente ao problema do realismo.

Dentro dessa perspectiva, a análise de Carlos Augusto Carneiro Costa sobre o romance *Em câmara lenta*, de Renato Tapajós, recupera a clássica discussão entre Lukács e Adorno a respeito do realismo. Explica como o primeiro, imbuído de suas convicções políticas, afirma a impossibilidade de autonomia da arte, desde que esta pode “fazer cair as máscaras sociais”, através de uma representação fiel da realidade, em seus múltiplos aspectos, atualizando assim sua ambição totalizante. Isso se contrapõe à visão adorniana, para quem a realidade danificada pela experiência das

catástrofes do século XX impossibilita o próprio ato de narrar e a representação de uma totalidade. Restaria assim apenas o fragmento como recurso formal antagônico, expressando a negatividade do processo histórico. Sendo assim, Carlos Augusto recusa Lukács e, com Adorno, considera a narração de *Em câmara lenta* um dispositivo causador do choque, da tensão necessária ante o mal como constante ameaça de repetição, só passível de expressão de forma fragmentária, quase indizível.

No texto de minha autoria, *De bois e outros bichos: nuances do Realismo contemporâneo*, procuro refletir, sem esconder meu diálogo com Adorno, sobre a estreita ligação que hoje se percebe entre as chamadas “narrativas da violência” e o Realismo. Analisando dois contos de Marçal Aquino, “Boi” e “A exata distância da vulva ao coração”, pude encontrar uma forma particular de captar a relação entre indivíduos e sociedade, ancorada na representação da camada mais desvalida, os mendigos, aliás, camada essa que, não por acaso, inspirou e alimentou o realismo no seu berço. Comparando um e outro conto, percebi dois “modos” de articular essa representação: a tragédia e o melodrama, que, redimensionados como soluções contemporâneas, bastante adequadas aos mecanismos da indústria cultural, promovem uma espécie de tentativa de normalização estética do lado trágico da sociedade brasileira.

Com tema semelhante ao do texto anterior, Paulo Roberto Tonani do Patrocínio propõe, em *A volta da realidade das margens*, uma análise de parte da produção literária contemporânea, sobretudo da prosa que narra as situações de marginalização nas grandes metrópoles do Brasil, buscando traços de permanência de formas de representação “marginais”, que utilizam o Realismo como signo. Sem se preocupar com um conceito específico de Realismo, embora esteja subentendido que é disso que se trata, Paulo Roberto toma como ponto de ancoragem textos que destacam os aspectos indicativos do retorno de um projeto literário já antigo, cujo principal foco é o exame da realidade brasileira por meio da ficção. Estabelece, desse modo, uma comparação entre João Antônio e Ferréz, utilizando textos atuais de críticos brasileiros que vêm trabalhando com questões semelhantes.

Em *Refiguração do tempo histórico pela ficção*, num estudo crítico sobre o romance *Leite derramado*, de Chico Buarque de Holanda, José Antônio Segatto e Maria Célia Leonel assumem a perspectiva de Bakhtin, de acordo com a qual a representação deve abranger a totalidade de uma época, o que significa afirmar que, em termos formais, os acontecimentos representados no romance devem abranger de certo modo toda a vida de uma época, residindo nessa capacidade sua essência artística. Assim,

utilizando o *cronotopo* bakhtiniano, empreendem o deslinde da difícil reconstituição que faz um narrador, por meio dos cacos de sua memória, da lenta decadência financeira e moral de sua família e classe social, ao longo de mais de um século. Articulando a parte e o todo, os autores desvelam os caminhos de uma representação realista interessada, que proustianamente traduz, ao mesmo tempo, passado e presente, tal qual os percebe uma subjetividade.

Os trabalhos de Juliana Santini e Rejane Cristina Rocha voltam-se para a obra de Luiz Ruffato. Em *Romance e realidade na ficção brasileira contemporânea*, a primeira empreende uma reflexão sobre a representação do real no romance *Inferno provisório*, considerando as transformações da forma romanesca moderna nas últimas décadas. Sua argumentação esmiúça de que modo o projeto estético da narrativa incorpora forçosamente uma visão em profundidade do real, originando um tipo de princípio ético de análise crítica da sociedade, aliado a um engajamento estético que o incorpora. Daí a dissolução da totalidade e a evidência do fragmento, característica do autor. Apoiada em considerações de críticos dedicados a temas semelhantes, ela elabora uma análise esmerada de *Inferno provisório* e conclui que o romance contemporâneo utiliza sua ênfase no experimentalismo formal, não para demonstrar indiferença ante o mundo e sua transformação, mas para indicar que sua estrutura hoje garante uma relação de permeabilidade com o real a partir de uma perspectiva crítica de sua configuração inicial. Ou seja, ela assume que a utilização de recursos expressivos “modernos” ou “de vanguarda” (e aqui as aspas efetivamente valem) não significa a rejeição do Realismo, mas sua assunção em outros termos. De certa forma referendando isso, Rejane Cristina Rocha, em *As formas do real: a representação das cidades em Eles eram muitos cavalos*, consagrado romance do mesmo autor, por meio de um sensível trabalho comparativo, faz dialogar com ele o Baudelaire de *Pequenos poemas em prosa* e o Mário de Andrade de *Pauliceia desvairada*, tomando como liame a representação das cidades. De sua análise depreende-se claramente que, não por acaso, foi da cidade moderna que emergiu a força realista e sua sistematização como estilo, além daquilo que delas ainda existe nas cidades contemporâneas, inclusive como percepção subjetiva. “A cidade, matéria do poema, não pode[ria] ser identificada e julgada senão por uma ótica alimentada por uma linguagem específica”, afirma, citando Luiz Costa Lima. Essa ótica é realista; sua linguagem, prosa ou poesia, apresenta-se nas três obras analisadas, ora filtrada pela subjetividade, como em Mário e Baudelaire, ou infensa a ela, como em Ruffato.

A colocação em último lugar do artigo de Karl Erik Schølhammer,

Realismo afetivo: evocar a realidade além da representação, tem um objetivo prático, como aponte. De caráter teórico, traz um aporte cronológico das principais ideias a respeito do conceito de Realismo, que podem ajudar a refletir melhor – concordando ou discordando – pelo menos sobre algumas das hipóteses e percepções que tenham brotado da leitura dos textos anteriores. O autor persegue o conceito desde seu surgimento, como *realismo histórico*, até suas manifestações contemporâneas, que escolhe nomear como *realismo performático* ou *indexical*, o qual, como define, constitui-se de “experiências performáticas que procuram na obra a potência afetiva de um evento e envolvem o sujeito sensivelmente no desdobramento de sua realização no mundo”. No percurso, aceitando ou descartando uns e outros, quase em caráter de resenha, Schøllhammer identifica e nomeia, com base em autores diversos, como Lacan e Barthes, vários tipos de realismo, a partir do *histórico*: o *neo-realismo*, o *traumático*, o *psicótico*, o *afetivo* e o *indexical*. Com seu teor explanatório e conclusivo, que pretende explorar com segurança o problema – o que não é só aparência –, deixa aberta, porém, como não poderia deixar de ser, outra série de indagações, mantendo ainda vivo e pulsante o caráter problemático do conceito, o mesmo que fizeram os textos anteriores, cada um a sua maneira.

São Carlos, 2 de dezembro de 2011.

Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor. W. (1980). “A posição do narrador no romance contemporâneo”. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural.
- AUERBACH, Eric (1976). *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva.
- BARTHES, Roland (Org.) (1984). *Literatura e realidade*. Lisboa: D. Quixote.
- CANDIDO, Antonio (2007). *A formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul.
- PELLEGRINI, Tânia (2007). “Realismo: postura e método”. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. n. 4, dez.
- _____. (2010). “Realismo: a persistência de um mundo hostil”. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. n. 14.
- WILLIAMS, Raymond (2001). *The long revolution*. Peterborough: Broadview Press.
- ZUZI, Peter A. (2004). “Echoes of the epochal”. *Comparative Literature*. Summer. n. 56.